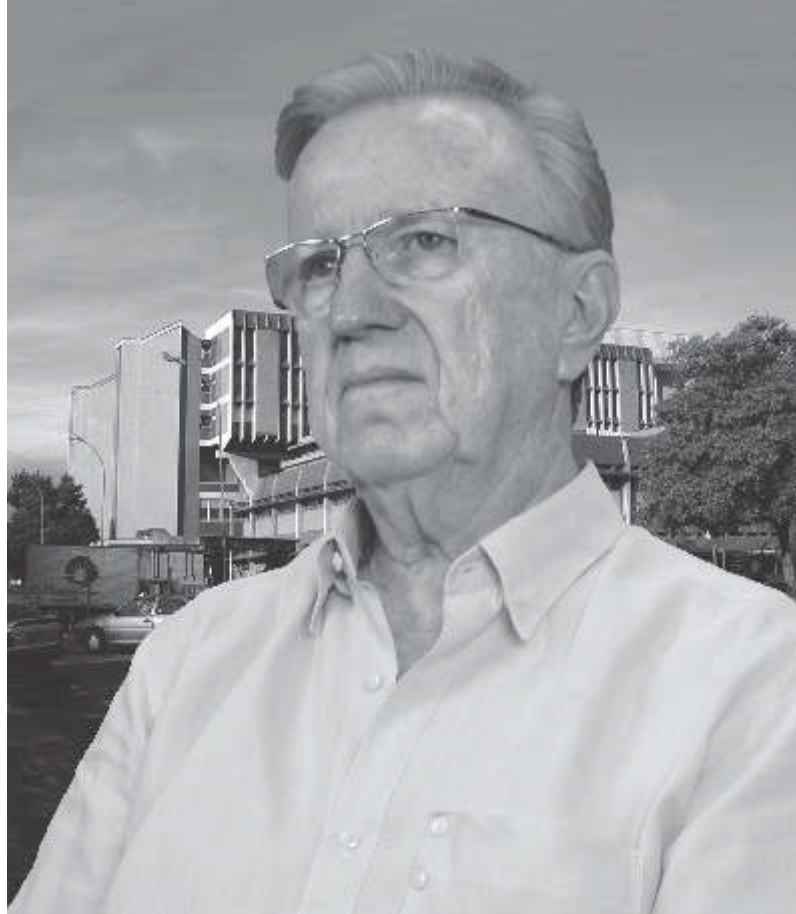


ORTENZI

“A anestesia é muito mais do que fazer dormir e acordar.”

prof. dr. Antonio Vanderlei Orteni

O médico anesthesiologista



O professor Antonio Vanderlei Orteni apaixonou-se por medicina ainda muito jovem, ao acompanhar o dia a dia de trabalho do pai, imigrante italiano. Dono de um hotel modesto em Campinas, ele costumava levar seus hóspedes a médicos e hospitais da cidade, sempre que necessário. Já na década de 1950, Campinas era um grande centro médico que recebia pacientes de muitas outras cidades.

Graduado em Medicina pela Escola Paulista de Medicina (Unifesp), Orteni veio para a Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp em 1970, cursar a residência médica em Anestesiologia, então desenvolvida em três unidades (Hospital Vera Cruz, Instituto Penido Burnier e Santa Casa) e coordenada pelo professor Alberto Affonso Ferreira.

Orteni passou a integrar o corpo médico da Unicamp em 1971. Nessa mesma Universidade, ele também fez o doutorado (1976) e construiu toda a carreira no campo da Anestesiologia, tornando-se especialista referenciado no Brasil nas áreas de Avaliação Pré-anestésica e Via Aérea Difícil, em Congressos e demais eventos científicos. Já aposentado, é um dos incumbidos pela Sociedade de Anestesiologia do Estado de São Paulo de difundir o dia 16 de outubro como o Dia da Anestesia, quando diversas ações de esclarecimento são realizadas com a população.

Durante a entrevista concedida ao Boletim da FCM, Orteni fez um panorama sobre a área da Anestesiologia. De fala calma e olhar sereno, Orteni é o profissional médico que minimiza a dor das pessoas antes mesmo de iniciado o procedimento cirúrgico. “Uma palavra de conforto, um olhar ou mesmo um toque, do médico para o paciente, costumam funcionar como verdadeiro pré-anestésico”, revela.

FCM Unicamp - Quais mudanças podemos observar no campo da Anestesiologia, do período em que o serviço foi implantado na FCM (meados de 1965) aos dias atuais?

Orteni - A anestesia daquela época é muito diferente da anestesia de hoje. Antigamente, houve um período em que o laringoscópio, utilizado para intubar os pacientes durante a anestesia geral, era o mesmo para diversos pacientes. Tinha que esperar outro colega usar, dar uma lavada e só depois disso levar para sua sala. Não havia monitores, tudo era feito palpando o pulso do paciente ou auscultando o pré-córdio. Os primeiros cardioscópios – utilizados para observar a atividade do coração – só mostravam os traçados do eletrocardiograma e não faziam nem o famoso “bip bip”. Ainda assim, eles só eram utilizados em casos extremamente graves. No final da década de 1980, surgiram os oxímetros e esses equipamentos proporcionaram uma revolução muito grande na anestesia, ao fornecer dados da concentração de oxigênio no sangue dos pacientes. Pouco depois, surgiram os capnógrafos que monitoram a quantidade de gás carbônico exalado pelo paciente. A segurança do paciente melhorou muito.

FCM Unicamp - Quais ganhos o campo da Anestesiologia e a saúde, de maneira geral, obtiveram com o advento dessas tecnologias?

Orteni - Tais mudanças tecnológicas tornaram possível realizar uma série de outras cirurgias que no passado eram impensáveis. Hoje se faz, por exemplo, a anestesia

para cirurgia intrauterina e isso permite operar o bebê antes mesmo do nascimento, ainda dentro do útero materno. Outros exemplos são os grandes transplantes e as cirurgias vasculares. Além disso, hoje em dia falamos muito em metabologia e isso significa compreender que tipos de repercussões fisiopatológicas a anestesia ou a cirurgia podem causar ao paciente.

FCM Unicamp - Qual a responsabilidade do médico anestesiológico?

Ortenzi - A anestesia é muito mais do que fazer dormir e acordar. Ela tem muito de farmacologia, fisiologia, clínica médica e etc. Nós, médicos anestesiológicos, somos intensivistas dentro do centro cirúrgico. Nossa especialidade é muito imediatista, você precisa resolver a situação na hora. Um clínico geral pede um exame, manda voltar, experimenta uma medicação, manda voltar novamente dali a uma semana ou um mês. Nós não temos este tempo.

FCM Unicamp - Como o Brasil está no campo da Anestesiologia em relação a outros países?

Ortenzi - Em termos de medicamentos, nós temos praticamente tudo do que existe por aí a fora. No mundo globalizado em que vivemos, quando é lançada uma nova droga, ela aparece não só no Brasil, mas, praticamente, na maioria dos outros países. O Brasil perde no campo da Anestesiologia quando falamos em termos de qualidade e infraestrutura dos hospitais. Somos um país em desenvolvimento, então nossa capacidade econômica é bem diferente da dos países avançados.

FCM Unicamp - Por que as pessoas costumam ter medo da anestesia?

Ortenzi - Avião não foi feito para cair e dificilmente cai, mas, de vez em quando, isso pode acontecer. Com a anestesia a situação é parecida. Obviamente, hoje a anestesia tornou-se muito mais segura. O risco sempre existe, mas a recomendação é que façamos uma avaliação pré-anestésica de todos os pacientes, pelo menos das cirurgias eletivas, quando não há urgência

ou emergência. Fazendo todos os exames necessários e um preparo adequado é possível minimizar bastante o risco dos pacientes.

FCM Unicamp - O que fazer para diminuir o medo do paciente em relação à anestesia?

Ortenzi - Como regra, o paciente não conhece o seu anestesista. Eu sempre insisto que ao entrar na sala de cirurgia, o anestesiológico deve tirar a sua máscara e dizer um "bom dia" ou uma "boa tarde" ao paciente. Apresente-se, toque o paciente, ele está fragilizado. Isso vale como um pré-anestésico e tem efeito tranquilizante.

FCM Unicamp - Como podemos descrever o campo de atuação da Anestesiologia?

Ortenzi - Já há muitos anos a Anestesiologia é considerada uma especialidade perioperatória. Abrange três momentos: o pré-operatório, o per-operatório e o pós-operatório. No pré-operatório, fazemos a avaliação pré-anestésica com eventual preparo do paciente. O momento per-operatório é aquele durante a cirurgia e envolve o ato anestésico no centro cirúrgico ou em outras unidades como, por exemplo, para a realização de exames sob sedação ou anestesia. No pós-operatório, cuidamos da analgesia e, em alguns serviços, da UTI pós-operatória ou até da UTI geral.

FCM Unicamp - Qual o papel do Serviço de Anestesia após o procedimento cirúrgico?

Ortenzi - A analgesia pós-operatória é muitíssimo importante. A dor, inclusive, é considerada um quinto sinal vital, além da pressão arterial, temperatura corpórea, frequências cardíaca e respiratória. Além do desconforto, a dor envolve uma série de outras questões que podem repercutir de forma negativa no indivíduo. Nesse sentido, é muito importante no pós-operatório avaliar a intensidade e abolir ou minimizar a dor do paciente.

FCM Unicamp - Como o senhor descreve a sensação de poder tirar a dor das pessoas?

Ortenzi - É muito gratificante. Um fato que marca muito a gente é o trabalho de parto. Os anestesistas contrariam a afirmação bíblica "Parirás em dor teus filhos...". Nós fazemos analgesia de parto e tiramos a dor das mulheres durante o parto vaginal. Ao lado da cólica renal, a dor do trabalho de parto é descrita como uma das dores mais intensas que um ser humano pode sentir. Aplicar nessa paciente uma analgesia peridural e perceber a expressão de dor ir se modificando na medida em que a anestesia vai se instalando é realmente muito gratificante. 🏠